

Breves considerações sobre *Verso versus Universo, ou Antiteses sobre o anticonceito do Antipoético*

Leda Tenório da Motta¹

Parece que estamos diante de um longo poema em prosa, na vertente cósmica, a lembrar, de saída e remotamente, *Eureka*, de Edgar Poe, até pela força dos títulos, o de Poe sendo subintitulado: *An Essay on the Material and Spiritual Universe*. Não é pouco, em matéria de fonte criticamente presumível, quando se sabe que Valéry notou que Baudelaire, até para ser Baudelaire, amou Edgar Poe até o plágio.

Numa referência mais próxima, formalmente, o texto parece referir *Galáxias*, de Haroldo de Campos, mas saturando-se, até o esquematismo, da pontuação que o fluxo haroldiano recusa, e assim confirmando a suposição crítica da desleitura e da influência. De fato, ele conspira com a sedição haroldiana, quer dizer, respira junto, quando se alonga tanto em seus desenvolvimentos, ainda que, neste caso, as enunciações surjam infinitamente seccionadas, diferentemente do que acontece com o débito vertiginosamente cursivo de Haroldo. Transforma-se assim a expansão em montagem.

Tematicamente, e ainda na linha Haroldo, quando intercepta Mallarmé, teríamos aí uma retomada da moderna reflexão sobre a relação arbitrária entre as palavras e as coisas, donde o Verso e o Universo. Melhor dizendo, *Um lance de dados*, tal como o entendeu seu tradutor brasileiro, que muito associou a poesia da Física à física do poema, tratando das precipitações sintáticas mallarmeanas, que também vão ao acaso, como os corpos no espaço, transidas entre azar e constelação. Donde também

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

este outro álbum haroldiano, da última fase, sempre em torno das relações entre a natureza e a arte, que é *A máquina do mundo repensada*. Mas novamente, no caso do texto de Marco Calil, com a diferença de um abuso da sintaxe mais escorreita, da armadura mais analítico-discursiva, das amarrações mais supostamente controladas, do uso mais diagramado da página, para, no fim das contas, um não sistema e uma maior falta de ar. A propósito, sabe-se que Francis Ponge, de que Haroldo é entre nós um raro cultor, pensou, inicialmente, em chamar *A falta de ar* seu livro finalmente intitulado *La râge de l'expression* – em português, talvez, a “gana”, o “repto”, o “desafio” da expressão –, que faz *pendant* com *Le parti pris des choses*, comensurando-se, assim, aqui também, os objetos do mundo e o desespero de dizer.

É inseparável de tanta insinuação de organização uma plethora de referências a discursos ordenadores como o da gramática e o do dicionário etimológico, e cuidados discricionários como o estabelecimento de glossários, índices, divisões capitulares e subcapitulares, numa outra onda de marcas de articulação lógica, que só pode resultar irônica no domínio previamente anunciado do anticonceito. Nós somos um fio e queremos saber a trama, escreveu Flaubert, ele também autor de uma cosmogonia derrisória chamada *Bouvard e Pécuchet*. O fio condutor moderno desfaz-se em *nonsense*. Confirmando esse fracasso via Haroldo, aqui, a contradição do projeto caminha para a citação, lacrada na íntegra, de uma canção de Guillaume de Poitiers, que, nada mais nada menos, começa com esta declaração alusiva à falta suprema da linguagem e à poesia como sua remuneração: “farei um verso bem justo do nada”.

A presença de Mahmud Darwich, em meio a alguns outros nomes de poetas de um cânone ou *paideuma* pessoal, modulado a grado do autor, na melhor tradição Noigandres, não deixa de lembrar as educadas relações de Haroldo com o Oriente, aquele elã goetheano de universalidade, em Mallarmé tornado elogio antichovino das palavras inglesas, que, na situação brasileira, provocaria uma nova expulsão dos poetas da *Politeia*, veja-se todo o escárnio dos sociólogos da literatura em relação à periferia querendo *make it knew*. Mas leva-nos principalmente a Adorno, uma vez que Darwich é o poeta do “holocausto palestino”, como francamente formula Godard, a demonstrar que, sim, sempre haverá poesia, enquanto houver o que não possa ser representado, e assim mesmo se represente.

Em suma, *Verso versus Universo, ou Antíteses sobre o anticonceito do Antipoético* deve ser um desses escritos com valor de manifesto de vanguarda, nesse sentido, um Manifesto Poético *Millenial*.

Modificando um pouco Mallarmé: a literatura aqui sofre outra esquisita crise fundamental.

Referências

CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2004.

CAMPOS, Haroldo. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

VALÉRY, Paul. Situação de Baudelaire. In: _____. *Situações*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

MALLARMÉ, Stéphane. Crise de verso. In: _____. *Divagações*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

FLAUBERT, Gustave. *Cartas exemplares*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PONGE, Francis. *Proêmes*. Paris: Gallimard Poésies, 1948.

MOTTA, Leda Tenório. *Céu acima: Para um tombeau de Haroldo de Campos*. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 2005.